
Dados: o ativo que toda organização gera, poucos sabem valorar e quase ninguém ainda sabe monetizar

Como os consórcios de dados podem mudar essa equação funcionando como ecossistema de Data Lakes em sinergia rizomática

Marcos Cordioli

Resumo

Os dados deixaram de ser apenas um subproduto das operações para se tornarem um dos principais ativos econômicos do século XXI. O verdadeiro desafio já não é capturá-los, mas organizá-los, conectá-los e transformá-los em inteligência capaz de gerar novos negócios, novas receitas e novas oportunidades de desenvolvimento. Ecossistemas colaborativos de Data Lakes e consórcios de dados inauguram um modelo em que a monetização dos ativos informacionais passa a integrar a estratégia das organizações, permitindo criar produtos analíticos, serviços inteligentes, mercados de dados e soluções baseadas em inteligência artificial. O futuro pertencerá às instituições capazes de transformar informação em valor econômico, conhecimento compartilhado e inovação sustentável.

Palavras-chave: Consórcios de dados. Data Lakes. Monetização de dados. Economia de dados. Inteligência artificial. Interoperabilidade.

Abstract

Data has ceased to be merely a by-product of operations and has become one of the principal economic assets of the twenty-first century. The real challenge is no longer to capture it, but to organize it, connect it and turn it into intelligence capable of generating new businesses, new revenues and new development opportunities. Collaborative ecosystems of Data Lakes and data consortia inaugurate a model in which the monetization of information assets becomes part of organizations' strategy, making it possible to create analytical products, intelligent services, data markets and solutions based on artificial intelligence. The future will belong to institutions able to turn information into economic value, shared knowledge and sustainable innovation.

Keywords: Data consortia. Data Lakes. Data monetization. Data economy. Artificial intelligence. Interoperability.

Introdução

Algumas etapas da história econômica foram definidas por ativos que concentravam valor, estruturavam mercados e determinavam quem liderava e quem seguia a direção

do desenvolvimento produtivo. No século XX, o petróleo. Na virada do milênio, o capital financeiro digitalizado. Agora, com a expansão da inteligência artificial, da conectividade em rede e das plataformas digitais, um novo ativo assume esse papel central: os dados. E, como em todas as revoluções anteriores, os que chegarem primeiro à infraestrutura que transforma esse recurso em riqueza terão uma vantagem que os retardatários dificilmente conseguirão recuperar.

A diferença entre dados e as commodities tradicionais é que dados não se esgotam. Pelo contrário — quanto mais são usados, combinados e cruzados com outras fontes, maior o valor que produzem. Um barril de petróleo se consome. Um conjunto de dados sobre comportamento de consumidores, integrado a dados logísticos, financeiros e de produção, gera uma inteligência que se multiplica a cada nova conexão estabelecida. Essa é a natureza econômica singular dos dados: seu valor não está na posse, mas na circulação. Não está no estoque, mas no fluxo.

Praticamente toda organização moderna produz dados em escala suficiente para constituir um ativo econômico relevante. O problema é que a maioria ainda trata esse ativo como subproduto da operação — e não como o patrimônio estratégico que ele já é.

A proliferação de mecanismos de captura acelerou essa transformação de forma irreversível. Sensores industriais, dispositivos conectados, sistemas de gestão, plataformas de relacionamento com clientes, operações logísticas, redes sociais e ambientes colaborativos geram continuamente volumes de informação que nenhuma organização consegue explorar sozinha em toda a sua profundidade. O resultado é um paradoxo econômico notável: as organizações possuem ativos de valor crescente que não sabem completamente como monetizar — e, ao mesmo tempo, tomam decisões estratégicas com uma visão parcial da realidade que os próprios dados poderiam corrigir.

Compreender por que isso acontece exige entender a evolução da arquitetura de dados — e o salto conceitual que ainda precisa ser dado pela maioria das organizações. **O primeiro estágio dessa evolução é o Big Data.** Com a explosão dos volumes de informação gerados digitalmente, ficou evidente que os bancos de dados tradicionais — estruturados, rígidos, projetados para armazenar o que já se sabe que será útil — não davam conta da complexidade e da velocidade dos dados que as operações modernas produzem. O Big Data emergiu como resposta: sistemas capazes de capturar, armazenar e processar volumes massivos de informação, independentemente do formato ou da origem.

O segundo estágio é o Data Lake. Diferentemente dos bancos de dados tradicionais, que armazenam informações previamente estruturadas para usos definidos, um Data Lake preserva dados de múltiplas origens e formatos em seu estado bruto — mantendo sua riqueza informacional intacta para usos futuros que, no momento da captura, ainda não foram imaginados. Trata-se de uma infraestrutura estratégica de conhecimento organizacional: não apenas um repositório, mas um ambiente vivo, capaz de responder a perguntas que ainda não foram feitas.

Esses dois avanços, porém, ainda operam dentro dos limites de uma única organização. E é exatamente aí que reside **o salto que transforma infraestrutura de dados em inteligência econômica de nova ordem.**

A próxima etapa dessa evolução não é ter um Data Lake maior. **É interconectar Data Lakes de organizações distintas, a terceira etapa** — e construir, a partir dessa interconexão, ecossistemas de dados capazes de produzir níveis inéditos de inteligência econômica, territorial e setorial.

Essa interconexão não é espontânea. Ela exige modelo, governança e uma arquitetura de cooperação que permita a múltiplos agentes compartilhar ativos informacionais que pressupõe a segurança, da privacidade e do controle sobre o que é disponibilizado. É exatamente nesse ponto que se insere a ideia do consórcio de dados — e é por isso que ele representa não apenas uma solução tecnológica, mas um novo modelo econômico.

Um consórcio de dados é uma estrutura cooperativa destinada a organizar, integrar, qualificar, compartilhar e monetizar ativos informacionais produzidos por múltiplos agentes econômicos. A lógica é direta: **o que nenhuma organização enxerga sozinha, o conjunto enxerga com precisão**. Um supermercado conhece hábitos de consumo. Uma cooperativa agrícola conhece padrões de produção. Uma transportadora conhece fluxos logísticos. Uma instituição financeira conhece comportamentos econômicos. Quando essas informações dialogam dentro de um ambiente de governança adequado, o produto não é uma base de dados maior — **é uma inteligência de outra ordem**, capaz de antecipar tendências, identificar riscos sistêmicos e orientar decisões com uma precisão que os instrumentos tradicionais simplesmente não alcançam.

Desse modelo emerge um mercado inteiro — com agentes distintos, funções complementares e oportunidades de negócio que ainda estão sendo descobertas. E é nesse mercado nascente que reside uma das maiores oportunidades econômicas da próxima década para organizações brasileiras de todos os portes.

Há organizações cuja operação cotidiana gera rastros informacionais com valor potencial muito além do seu uso interno. Haverá empresas especializadas em transformar essa matéria-prima bruta em ativo utilizável — por meio de curadoria, limpeza, padronização e enriquecimento de dados. Haverá organizações dedicadas a integrar múltiplas bases, construindo ecossistemas de conhecimento com capacidade analítica superior à soma das partes. Haverá empresas focadas na análise avançada — com estatística, ciência de dados, aprendizado de máquina e inteligência artificial — para transformar esses ecossistemas em previsões, diagnósticos e modelos preditivos que orientam escolhas de alto impacto.

E Haverá, finalmente, organizações que atuam como arquitetas do próprio ecossistema — conectando produtores, integradores, analistas e usuários finais em estruturas de governança e comercialização. Esse papel, análogo ao das bolsas de valores ou dos grandes marketplaces digitais, é provavelmente o de maior potencial estratégico nesse novo mercado: quem controla a infraestrutura de circulação de dados controla, em larga medida, as condições de acesso à inteligência que eles produzem.

A inteligência artificial amplifica exponencialmente esse potencial. **Dados não são apenas insumo da IA — são sua condição de escala**. Sem bases informacionais ricas, diversas e bem governadas, até os melhores modelos reproduzem as limitações dos dados que os alimentam.

Há ainda uma dimensão que o debate sobre dados raramente aborda com a seriedade que merece: **o potencial dos consórcios para organizações de menor porte**. Pequenas empresas, cooperativas, associações empresariais e instituições de pesquisa possuem dados que, individualmente, têm valor limitado — mas que, integrados em um ecossistema bem estruturado, passam a ter relevância econômica e analítica considerável. Consórcios de dados são, nesse sentido, um mecanismo de democratização do acesso à inteligência: permitem que organizações que nunca poderiam financiar individualmente uma infraestrutura analítica sofisticada acessem, de forma cooperativa, capacidades que as grandes corporações já utilizam como vantagem competitiva.

Sob uma perspectiva territorial, o potencial é ainda mais amplo. Regiões inteiras podem construir ambientes compartilhados de inteligência capazes de monitorar cadeias produtivas, identificar gargalos logísticos, mapear competências locais, apoiar políticas públicas e orientar investimentos com precisão inédita. Em um país com a complexidade econômica, a diversidade produtiva e a extensão territorial do Brasil, essa dimensão não é secundária — é central.

A lógica que sustenta todo esse ecossistema é fundamentalmente rizomática: os dados não geram valor pela existência isolada, mas pelas conexões que estabelecem. Cada novo participante amplia a capacidade analítica do conjunto. Cada nova base integrada cria possibilidades de interpretação antes inexistentes. Cada nova conexão gera combinações de conhecimento que nenhum dos agentes individualmente poderia produzir. **O foco deixa de estar na posse dos dados e passa a estar na arquitetura que permite conectá-los, interpretá-los e convertê-los em conhecimento aplicável — e em valor econômico concreto.**

Os mercados que se movem primeiro na construção dessas infraestruturas não estão apenas capturando uma oportunidade de negócio. Estão definindo as condições de acesso à inteligência econômica do futuro. E, como em todas as revoluções anteriores, a janela para ocupar essa posição não permanece aberta indefinidamente. O produto similar ao petróleo no século XXI já está sendo extraído. A corrida é para definir quem estará na operação das refinarias de dados.

Publicado originalmente no LinkedIn em 9 de junho de 2026:
<https://www.linkedin.com/pulse/dados-o-ativo-que-toda-organiza%C3%A7%C3%A3o-gera-poucos-sabem-e-cordioli-yvevf/>

Declaração sobre o uso de inteligência artificial

A inteligência artificial generativa foi utilizada como ferramenta de apoio à organização das informações fornecidas para este artigo. O uso ocorreu como auxílio ao trabalho intelectual, sem substituir a análise dos documentos e das fontes. A seleção e a interpretação das informações, assim como a revisão e a responsabilidade pela versão final do texto, cabem ao autor. Ao final, a IA foi utilizada para a correção ortográfica e semântica do texto e também para gerar o resumo e as palavras-chave.

Sobre o autor

Marcos Cordioli é consultor, empresário, pesquisador e palestrante brasileiro, mestre em Educação pela PUC-SP, com atuação nas áreas de educação, transformação digital, inovação, cidades inteligentes, economia de dados e inteligência artificial.

Foi Secretário de Inovação, Aceleração Econômica, Turismo e Comunicação de Maringá e Secretário de Cultura de Curitiba, além de Presidente da Fundação Cultural de Curitiba. Desde 2015, atua na modelagem de ecossistemas de inovação e startups, aproximando tecnologia, conhecimento, negócios e transformação institucional.

É cofounder da Apolus.ai, startup dedicada a transformar conhecimentos dispersos em ecossistemas de inteligência artificial, ampliando a capacidade de empresas e instituições de organizar, compartilhar e utilizar conhecimento como inteligência coletiva. É também vice-presidente da ACIM-Maringá.

Na área de tecnologia, pesquisa os processos econômicos e tecnológicos associados à economia de dados, estudando dados, conhecimento e inteligência artificial como elementos estruturantes da nova economia. Dedicar-se também ao estudo da transformação digital de cidades, com atenção ao uso sistêmico de IoT, dados, inteligência artificial, conectividade e plataformas digitais na construção de cidades inteligentes.

No campo da inteligência artificial, desenvolve duas frentes complementares. Na educação, conduz o projeto "Tecnologias de IA na Sala de Aula", dedicado às possibilidades de utilização da inteligência artificial nos processos de ensino e aprendizagem, na formação de educadores e na gestão educacional. Nas empresas e instituições, atua na área de educação corporativa, pesquisando a gestão de conteúdos e conhecimentos como base para a construção de inteligência coletiva e para o desenvolvimento de novas soluções apoiadas por IA.

Marcos Cordioli também possui trajetória acadêmica na área de educação, tendo atuado como professor em cursos de graduação, especialização e mestrado, além de pesquisador, palestrante e consultor. Participou de eventos, pesquisas e projetos educacionais em todos os estados brasileiros e em diferentes países.

Contato: marcos.cordioli@gmail.com | (41) 99682-9123 | LinkedIn: [linkedin.com/in/marcos-cordioli](https://www.linkedin.com/in/marcos-cordioli) | Instagram: [@marcoscordioli](https://www.instagram.com/marcoscordioli) | Linktree: linktr.ee/marcos.cordioli